

Absurdo e desespero na cidade

WELLINGTON LIMA AMORIM*

Resumo

Este artigo pretende demonstrar que as cidades modernas são o ponto máximo representativo da ambiguidade, contradição, desespero e absurdo da condição trágica do homem pós-moderno nos grandes centros urbanos.

Palavra-chave: Modernidade; absurdo; desespero.

Abstract

This article argues that modern cities are the most representative point of ambiguity, contradiction, despair and absurdity of the tragic condition of the post-modern man in urban centers.

Key words: Modernity; absurd; despair.



* **WELLINGTON LIMA AMORIM** é Doutor pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Catarina (2009); Professor Adjunto II DE da Universidade Federal do Maranhão.



INTRODUÇÃO

Sabemos que uma cidade não se define apenas por seu espaço físico e geográfico. Se fosse assim, quem não residisse nesta cidade que foi delimitada apenas territorialmente, estaria excluído da cidadania. Para que haja cidadania é necessário haver liberdade que é condição *sine qua non* para que possa garantir os direitos individuais, direitos políticos e sociais. Teoricamente, a modernidade passa a defender a igualdade e a liberdade entre todos os homens que possuem os mesmos direitos e deveres, onde o sujeito assume forma, possuindo liberdade e igualdade jurídica. A liberdade política passa a ser representativa para que o indivíduo possa dedicar-se a sua vida privada visando o máximo de independência pessoal em relação ao Estado. Por outro lado a Razão Moderna foi transformada em um instrumento de controle, condenando todas as manifestações não racionais,

afetivas, da ordem do inútil, da cultura e do sentimento. No entanto, nos últimos dois séculos, a idéia de progresso, de universalidade, de liberdade, de razão, de verdade e de ciência foram questionadas. O homem é um ser simbólico e que não pode ser reduzido à lógica racional do utilitarismo, nem ter amputada a sua dimensão mágica, poética, sonhadora, afetiva e do supérfluo. A própria modernidade acaba sendo implodida, entra em crise, e assistimos contemporaneamente todos os grandes ideais de liberdade, do individualismo e do espaço público entrarem em colapso, por assim dizer, se anuncia a desconstrução da modernidade.

I – A Modernidade nasce no século XVIII com a revolução francesa. E com este evento surgem as cidades, que passam a simbolizar o demoníaco, em oposição à vida do campo, que é representado pelos grandes feudos rurais. E a passagem da heteronomia ou do antigo regime, para a autonomia, representado pela Democracia moderna. Ser moderno é um modo, um ESTAR, em oposição ao SER. A Modernidade exige movimento, a atualização constante, a exaltação do momento presente, é a busca pelo instante eterno. Nas palavras de Charles Baudelaire: “A Modernidade é o transitório, o fugitivo, o contingente, a metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável.” (BAUDELAIRE, p. 695). Logo, a Modernidade surge com o burburinho das grandes cidades e pode ser compreendido como um processo, um movimento racionalizante, de origem histórico-filosófico kantiano/hegeliano. E este processo atinge a Dinamarca, período histórico em que Søren Kierkegaard presencia o processo pela qual o Estado dinamarquês vai se modernizando, ou seja, é a passagem do antigo regime para um novo momento histórico, onde a Democracia moderna e o liberalismo econômico inglês vai aos poucos mudando o cenário histórico-político da Dinamarca. E qual é a promessa que as cidades nos trazem com o advento da Modernidade? Liberdade individual. No entanto, a mentira e a enganação obscureceu o maior empreendimento humano: A Modernidade. Hoje, ela (a Modernidade) é vista com desconfiança. Há quem diga que o projeto moderno faliu. Com o surgimento das cidades, estas em conjunto, passam a compor o que denominamos de Estado Moderno, primeiramente idealizado por Thomas Hobbes. No entanto, o projeto hobbesiano nos diz que enquanto

indivíduos, devemos nos submeter aos constrangimentos do Estado, renunciando nossos instintos, desejos, vontades, ou melhor, nossa liberdade individual, em nome da segurança, do bem estar, e da proteção estatal. A Modernidade nasce marcada pela ambiguidade, ou seja, pelo ABSURDO e a contradição. Se por um lado ela promete a liberdade individual, por outro, em nome da segurança e do bem estar e da manutenção do Estado moderno, se retira esta promessa de liberdade.

II – É diante deste paradoxo que Zigmunt Bauman observa que a vida urbana é uma moeda de dupla face. Se por um lado ela (a cidade) nos trás uma sensação boa, de segurança, tudo que um ser humano busca na vida cidadina, por outro lado nossa liberdade individual é extremada limitada. E pior, não há um equilíbrio nesta balança. Este desequilíbrio se dá devido aos laços que foram quebrados desde as antigas comunidades, deixando de existir um sentimento de compartilhamento e solidariedade que vinculava os membros das antigas comunidades. Nas antigas sociedades existia um acordo habitual, sem palavras, sem necessidade de controle ou monitoramento. Existia uma constante negociação, regra de ouro para a boa vida cotidiana. Nas cidades modernas, vivemos o ABSURDO do individualismo solipsista. Parafraseando Bauman: Se temos a segurança e a liberdade, a contingência é eliminada, somos escravos. No entanto, com a liberdade e a contingência, sem o mínimo de segurança, é estar entregue ao acaso e a guerra de todos contra todos. Eis o ABSURDO de nossa condição moderna. E diante deste ABSURDO,

somente nos resta um profundo e doentio mal estar.

III – Em suma, é em Freud que atestamos a tragédia e o ABSURDO de nossa condição. Somos capazes de comungar os avanços da tecnociência, com a capacidade de produção e integração, da banalização do mal, coexistindo e convivendo de forma extremamente tranquila com as mais monstruosas formas de desigualdade social, rejeição, preconceito, hipocrisia, deixando claro de forma evidente que somos animais, melhor ainda, pior que um animal: SOMOS HUMANOS. Convivemos de forma banal com massacres, campos de concentração, gulags, pilhagens, esquecemos com facilidade das 1,3 mil pessoas guilhotinadas na revolução francesa, dos 1,3 milhão de judeus, ciganos, homossexuais mortos nos campos de concentração na Alemanha nazista, muitos desses eram poloneses e russos que foram submetidos à experimentação como cobaias, e principalmente dos 6,8 a 16,3 milhões de vítimas mortas no período stalinista, ou do massacre de Ruanda, onde crianças foram mortas com machados, simplesmente por prazer, onde seus membros cortados, serviram de calço para mesas improvisadas. Eis o ABSURDO de nossa condição moderna.

IV – Conta-se, segundo Apolodoro, que Zeus, condenou Sísifo a rolar no inferno uma enorme pedra até o alto de uma colina. Muito se comenta a respeito deste castigo, imposto por Zeus. Tanto que Albert Camus dedicou um livro a este mito, que em sua opinião, representa o ABSURDO da existência humana. A história de Sísifo começa quando o mesmo tenta pregar uma peça

em Zeus. Há quem diga que Sísifo era pai de outro malandro: Ulisses. Os dois seriam homens de mil astúcias. Vamos recordar o relato segundo Luc Ferry:

“O rei dos deuses raptara uma moça encantadora, Egine, filha do rio Asopos, uma divindade secundária. Esse deus fluvial, dividido entre a preocupação e a raiva, procura febrilmente a filha querida; ele constata o sumiço, mas não imagina ser Zeus o responsável. É preciso que você saiba, para apreender o quadro em sua totalidade, que Sísifo é o fundador de uma das cidades gregas de maior prestígio: Corinto. E sua cidade precisa de água... Ele então propõe a Asopo uma troca: “Você faz brotar uma fonte de água limpa para a minha cidade e eu digo quem raptou a sua filha”. Acordo selado, Sísifo comete a enorme imprudência de denunciar Zeus. Para começar ele trás de volta e à força o rio Asopos a seu leito... e leva a moça para uma ilha deserta, onde se une a ela. Dos seus amores inclusive nasce um menino, Eaque, e como o filho se entendia sozinho, pois a ilha é deserta, Zeus transforma as formigas em habitantes para fazer-lhes companhia... Na versão dada por Ferecide,... Sísifo passa dias tranquilos em seu magnífico palácio, na cidade de Corinto, contemplando a água que Asopos lhe forneceu. Zeus envia Tânatos, para carregá-lo ao inferno. Mas Sísifo tem sempre alguns ases na manga. Ele vê Tânatos de longe e o aguarda. Arma-lhe uma emboscada, como ele sabe muito bem armar. Tânatos cai na armadilha e, lançando-se sobre ele, Sísifo o amarra com cordas bem fortes, escondendo-o num armário da sua imensa morada... Com Tânatos preso, ninguém mais morre. Hades, o mais rico de todos dos deuses, para de enriquecer; não recebe mais

sua cota habitual de defuntos, e se Zeus não puser a casa em ordem... vai ficar... impossível à vida. Ares, o deus da guerra, se encarrega da tarefa. Ele encontra Tânetos, solta-o e lhe entrega o infeliz Sísifo... Antes de morrer e abandonar seu palácio para descer ao reino de Hades, Sísifo teve o cuidado de deixar um estranho pedido à sua mulher: “Por favor, não me faça, sob hipótese alguma, qualquer homenagem fúnebre, como, no entanto, toda boa esposa deve fazer quando o marido morre. Não me pergunte por que, explicarei mais tarde”. E Meropé, sua encantadora esposa, age como o marido pedira... Chegando as profundezas dos infernos, Sísifo vai direto a Hades e se queixa amargamente do desleixo da companhia. Profundamente chocado com a falta de modos da mulher, Hades permite que Sísifo volte para casa e castigue como se deve a sua esposa indigna, com a promessa, é claro, de voltar assim que possível... Sísifo vai para casa, mas não cumpre a promessa de voltar aos infernos... agradece a mulher, faz inúmeros filhos e termina, simplesmente, morrendo já bem idoso, de velhice... só então é levado a reintegrar o subsolo da terra, onde Hades o obriga a empurrar a famosa pedra, suplício imposto como garantia para não ser enganado uma segunda vez... o sentido do suplício imposto, como sempre, está em relação direta com a má ação cometida: a vida, para os mortais, é um perpétuo recomeço (**absurdo**)... e quem tenta, por meio de artifícios, adiar os limites previstos pela ordem cósmica, vai aprender às próprias custas que, ao chegar a seu termo, todo o processo deve recomeçar do zero. Em outras palavras, ... ninguém deve escapar da essencial finitude da condição humana.” (FERRY, 2012, p.62).

V – Por outro lado, segundo Albert Camus, curiosamente é em Kierkegaard que nos deparamos com o ABSURDO. Para Camus a antinomia, a contradição e o ABSURDO se tornam critérios referenciais, e este fato se expressa na Filosofia de Kierkegaard:

O cristianismo com que tanto se assustava a sua infância reaparece finalmente com a sua face mais dura. Também para ele a antinomia e o paradoxo se tornam critérios do religioso. Assim, aquilo mesmo que fazia desesperar do sentido e da profundidade desta vida lhe dá agora sua verdade e sua clareza. O cristianismo é o escândalo e o que Kierkegaard procura é simplesmente o terceiro sacrifício exigido por Inácio de Loyola, aquele com que Deus mais se rejubila: “o sacrifício do intelecto”... Ele faz do absurdo o critério do mundo, quando é somente um resíduo da experiência deste mundo. “Em seu fracasso”, diz Kierkegaard, “o crente encontra seu triunfo” (CAMUS, 2012, p.5).

O escândalo, segundo Camus, é a constatação de Kierkegaard de que o salto exige o **“sacrifício do intelecto”**, onde o ABSURDO é o critério do mundo. O salto é uma escolha deliberada do sujeito. Em vez de revolta, como no caso de Camus, a saída de Kierkegaard é a adesão ao cristianismo, ou seja, o pensador teria cometido um suicídio filosófico, do ponto de vista da razão, no momento em que seu Deus se sustenta a partir da negação da razão humana. Como diria Albert Camus, o mais importante não é curar, mas viver com seus males, sem nenhum romantismo. E Kierkegaard, ao contrário, quer a cura do espírito humano, e ela somente virá através da fé, uma forma simbólica e romântica que busca uma fuga da absurdidade de nossa realidade. Em todos os momentos

Kierkegaard expressa essa redução ao ABSURDO, quando estamos fora da fé. E na cidade a redução ao ABSURDO se torna critério existencial. Experiência esta em que Kierkegaard captou brilhantemente ao observar a modernização da Dinamarca, ou melhor, ele foi espírito de seu tempo (*Zeitgeist*).

VI – E por isso, toda Filosofia nasce da crítica ao ordinário, e surge como extraordinário, fora da ordem, deixa de ser pura ingenuidade, para ser impura admiração, redução ao ABSURDO. É na admiração que contemplamos o abismo de nossa condição. Admirar-se é um abismo. E o abismo é o esmagamento da razão. É neste esmagar que o homem diante da existência é um indivíduo que pode elevar-se à compreensão da inteligibilidade do Ser e de si mesmo. Neste momento a razão se fragmenta. Dilacerada, porém viva, a razão busca no seu abismo a coerência. Triturada, a razão, tenta se restabelecer em dois sentidos: a) Em uma postura apática, que por vezes é quase morta; b) Ou em uma postura intensa, veemente viva, amor fati. Em ambas as percepções, o homem, tomado pelo conhecimento do mundo, tanto do que seja real quanto do que assume como tal, passa a ter uma visão angustiada ou revoltando-se contra o ABSURDO de nossa condição, o mesmo em que ele vive em relação, seja com o próprio mundo, com os outros ou consigo mesmo. Esta relação abre espaço para a contingência e, conseqüentemente, para o abismo, de toda nossa existência. Situação esta que se fundamenta friamente no encontro da razão com sua angústia, motor de toda a busca pela compreensão de algo. Existe uma ressalva, não julguem este comportamento como sendo pessimista,

mas é uma tentativa de realismo, de se buscar coerência diante do ABSURDO. O pessimismo é um estado, não é uma condição, é uma certeza aparente, não é uma fé ao ponto de mover montanhas. O realismo que perpassa faz com se crie condições para uma defesa destas ideais. Ser pessimista pressupõe uma falta de esperança, não se espera nada, e muito menos desespero. Racionalmente posso construir um mundo, um mundo singular, sem nenhuma garantia de universalidade, somente uma representação singular da existência. Ou melhor, racionalmente e deliberadamente podem-se construir mundos, ilusões diversas para suportar a miserabilidade da existência, são ilusões que podem ser tomadas como verdadeiras, como no caso de Hegel e seu conceito de História. Richard Rorty, na obra, *Contingência, Ironia e Solidariedade*, cita a argumentação, que Kierkegaard faz sobre Hegel, de que se ele (Hegel) SE tivesse prefaciado a “Ciência da Lógica” com a seguinte frase: “Tudo isto é apenas um experimento imaginário”, (RORTY, 2012, p. 65) teria sido considerado o maior pensador de todos os tempos. Logo, nesta agonia ordinária, muitas vezes se busca na experiência da sensibilidade, algo de extraordinário, fora da ordem, um desvio necessário para suportar a existência contingente, fútil e singular. É preciso ter consciência da contingência, da vulnerabilidade, porém não é possível se privar do verbo, do discurso, visto que a vulnerabilidade, a contingência da existência, permanece impetuosa mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra.

VII - O silêncio, o insuportável silêncio, fala por nós, porque a razão nos leva ao abismo e a escutar a voz do silêncio. Este abismo é construído pelos outros que nos julgam ou tentam desenhar nosso Ser. Diante disso, tentamos colocar coerência na realidade, tentamos sobreviver, mas nos matamos aos poucos, e por vezes, nos eliminando. Eliminando, não podemos, por exemplo, experimentar as volúpias da vida e do drama interior que cada um de nós carrega, ou em mim ou no outro. Mas, como viver sem esses abismos? A razão precisa de socos e pontapés, para não se afogar no abismo de nossa existência. Não se aproprie de seu inferno ou até mesmo de seu paraíso para presentear ao outro. Tudo é singularidade. A responsabilidade é nossa. A consciência também. E esta nos leva a compreensão, não a explicação. Nos leva ao paradoxo e a contradição, em oposição à coerência. Todavia, é preciso viver seu próprio inferno. A liberdade é algo ABSURDO, ou uma grande ideia. A ação humana não é absolutamente livre, incondicionalmente. Somente somos livres quando escolhemos deliberadamente fazer de nossa morte a plena realização da vida. Na verdade a liberdade está sempre condicionada pelos nossos desejos e vontades, pelos nossos simbolismos, nossas grandes ideias. A liberdade humana se revela na angústia, porque o homem se angústia diante de sua condenação a liberdade. A liberdade se situa na escolha deliberada de sua vontade, que aparece como mera representação. E com a razão é que se elabora deliberadamente, uma representação da vontade, a fim de libertar-se e contemplar o abismo causado pela admiração. Não podemos dizer que somos livres por completo, a liberdade é sempre condicionada! Somos uma alma atormentada sem

convicções, “só tem convicções aquele que nunca aprofundou nada” (CIORAN, 2011, P.65) segundo afirma Cioran. O mal estar contemporâneo nasce dessa promessa de incondicionabilidade de nossa liberdade, não existe nada de absoluto. A razão existe, sempre existirá, mas nunca conseguirá dar conta da realidade, nunca chegará ao conhecimento absoluto de todas as coisas, nunca desvelará a última fundamentação. Admirar-se é um abismo, e nessa necessidade que o ser humano nos leva a crer que o mundo, tal qual nos adaptamos ou vivemos, nos confronta com nossa ingenuidade, que diariamente nos coloca diante das diversas possibilidades de nosso nada, o que nos leva a apatia, ou ao mundo da vida, intenso e vivo. O homem se apresenta como consciência, como um caniço pensante, como diria Pascal. Toda a natureza pode nos eliminar, somos um vapor d’água, totalmente insignificante diante do mundo e da natureza. Mas a natureza nos eliminará, sem saber que está nos eliminando. Nós, pelo contrário, somos eliminados, tendo consciência de que estamos sendo eliminados e nada poderemos fazer a respeito. Assim, o homem se apresenta enquanto revolta, seja contra o mundo, ou sua existência. O Dr. Frankenstein é uma grande metáfora para uma reflexão sobre a condição do homem no mundo e a inconveniência da consciência para a nossa existência. Cabe lembrar que os homens existem e possuem a consciência de existir e por isso percebem o real significado da palavra solidão. Quando existimos somos invadidos por sentimentos até então desconhecidos como: medo, tristeza, solidão e desespero. Somos lançados ao mundo após a nossa criação, sem desculpas, sem muletas. Então, juramos nos vingar do nosso criador e de todos ao seu redor, e na sociedade que é o

berço de inúmeros destes monstros incompreendidos. Quando uma pessoa toma consciência de si mesmo, surgem perguntas que não possuem respostas. Não existe diferença se você vive em uma casa cheia de pessoas ou em alguma geleira do ártico, a sensação é sempre a mesma. Mas ao matarmos nosso criador, passamos a reformular estas questões. Na obra de Mary Shelley o monstro encontra por acaso dois livros, “Os Sofrimentos do Jovem Werther” e o “Paraíso Perdido”: “Mal posso descrever-lhe, Frankenstein, o efeito de tais livros. Apresentavam-me uma infinidade de novas imagens e sentimentos que, por vezes, me elevavam ao êxtase, porém, com mais frequência, me lançavam na mais profunda depressão”. (SHELLEY, 1998, p.65)

VIII – No primeiro livro ele encontrou uma luz sobre as suas próprias reflexões. Os Sofrimentos do Jovem Werther é um grande clássico da literatura e pode ser considerada como um dos precursores do romantismo alemão. O jovem Werther é dominado por uma paixão profunda, tempestuosa, que o levará a um destino trágico. O protagonista comete o suicídio motivado por um amor platônico. É importante ressaltar que o século XIX é marcado pela supervalorização das paixões e dos sentimentos. A vida é compreendida como sendo de dor e sofrimento eterno, e somente a arte, seja literária, arquitetônica, poética, ou a própria música, é capaz de causar uma catarse, libertando o ser humano do sofrimento, mesmo que seja por alguns momentos. Já no outro livro, a criatura vê na figura de Satã um retrato pintado de si próprio. Na metáfora bíblica, Satã é aquele que quer possuir o conhecimento absoluto e assim luta

contra Deus, sendo expulso do paraíso. Mais tarde seduz o homem, levando-o a comer da árvore da ciência e do conhecimento, condenando-o, por ter adquirido consciência e a capacidade de reflexão. Sendo assim, a saga humana é uma Odisseia que tenta retornar ao paraíso perdido, e tenta em vão, através da Filosofia, da Dialética ou da Ciência, encontrar um meio para este feliz retorno: “Insensível criador! Dotara-me de um cérebro e um coração, de percepções e paixões, e me deixara ao léu, alvo do escárnio e da perseguição da humanidade”, (SHELLEY, 1998, p.66) ou nas palavras de Emil Cioran, “Há certamente no fenômeno da consciência uma dimensão dramática, funesta” (CIORAN, 2011, p.65).

IX – Muitos acreditam que há uma necessidade lógica capaz de provar a existência de uma última fundamentação, e a especulação filosófica poderia nos ajudar a reafirmar esta crença. Portanto, existiria uma lógica intrínseca onde as relações são necessárias, obedecendo a uma relação de causa e efeito, sendo, para muitos, Deus, a última fundamentação da realidade. Na verdade este raciocínio nos conforta, e por isso, o senso comum em geral, aceita que seja a forma de pensar mais correta e digna para o homem ocidental de origem judaico-cristã. No entanto, para o escândalo dos contemporâneos, podemos concordar com a premissa de que o conceito de Deus aplaca nossa angústia, causado pelo sofrimento da consciência de existirmos lançados ao mundo, em uma vida, que na verdade, é sem sentido, trágica, absurda, onde somos condenados à mortalidade, ao envelhecimento, ou seja, nas palavras de Heidegger, seres para a morte. Todavia observamos que aqueles que

não suportam o fato de sermos mortais, sendo meros animais que se acham civilizados, sempre vão buscar uma forma de minimizar a angústia dessa consciência, desta vida trágica e absurda. As várias religiões existentes, seja ela qual for, tem a missão de realizar esta tarefa, e conseqüentemente sempre existirão instituições dispostas a explorar esta fraqueza humana, para o bem ou para o mal. Por sua vez, algumas religiões tem uma função social benéfica, quando agrega o tecido social. Por outro lado, outras provocam a fragmentação, se tornando perigosas. Segundo Sartre ou Camus, a liberdade somente é possível quando fundada no divórcio com a divindade, este inconveniente, que chamam de Deus, ou de última fundamentação. Portanto, se verifica que somente a fé poderia dar alguma garantia para se acreditar em Deus. Mas ela aprisiona, acorrenta. A fé é um ato irracional, uma paixão cega, e quem vive pela razão, pela coerência dos bons argumentos, conseqüentemente pede provas destes mesmos argumentos. De nada adianta um argumento coerente se não posso provar, parafraseando Kant, eu diria que nada posso falar sobre o que está além dos limites da minha razão. Logo, o que me resta é o ceticismo e a inconveniência de existir e de coexistir com os demais, seja com o meu próximo, e com as respostas que não possuo. Então, pode-se preferir viver apenas cedendo as nossas tentações diárias, aos pecados originais sempre diários, aos pensamentos mais impuros, a uma vida estética, pois é isso é que nos faz humano, demasiadamente humano.

X – Ah! Deus, o grande Outro, o carrasco! O que é este o Outro? Este superego? É tudo aquilo que não podemos Ser na imanência. Não somos seres onipotentes, onipresentes e oniscientes. Logo, criamos um conceito de Deus, ou deuses, supra-humano, para aplacar nossa angústia, por estarmos sempre frágeis diante da realidade: “O culto aos animais e à natureza em geral não nos mostra somente o estágio prático da cultura de um povo, mas também sua natureza teórica, seu estágio espiritual em geral; porque, enquanto o homem adora animais e plantas, não é ainda um homem com nós, identifica-se, pois com os animais e as plantas, estes são para eles ora seres humanos, ora sobre-humanos” (FEUERBACH, 1989, p. 65) Esta citação reflete a problemática de todas as religiões e mitologias, são meras ilusões, que para muitos é necessária e do ponto de vista social, garante a coesão da sociedade. Nem todos nasceram para serem livres! Mas todos desejam a liberdade. Para muitos a existência de uma relação sado-masoquista com Deus, ou com os deuses, é necessária, pela covardia humana diante da angústia. Mas esta constatação não exclui a problemática do Outro. Seja o grande Outro (o divino) ou o outro (humano demasiadamente humano, seja a natureza etc.) que sempre se está em relação, não se pode negar sua existência dentro das condições de espaço e tempo, para usar novamente uma terminologia kantiana. E dentro destas condições, somente a razão pode ser usada: “Não podemos pensar objetos espaciais fora do espaço e objetos temporais fora do tempo, assim também não podemos pensar em nenhum objeto fora da possibilidade de sua conexão com outros” (Wittgenstein, §2.0121).

XI – Razão, *ratio*, *lógos*, lógica, linguagem, sempre exclui o não dito, o contraditório, o ABSURDO, ou melhor, aquilo que não pode ser dito racionalmente. Mas se não pode ser dito, como dizê-lo? Já que todo acesso a desrazão, ao inconsciente, é uma experiência subjetiva, não objetiva, personalíssima, logo, não é possível ser transmitida. Somente podemos transmitir uma experiência quando estamos dentro dos limites da razão, obedecendo à argumentação lógica, a coesão e a coerência. Dentro dos parâmetros linguísticos universalmente aceitáveis: “Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo”. (Wittgenstein. § 5.6). Esta paisagem cansa! Mas é a única que possuímos, sendo a principal característica humana, pensar objetivamente, organizar, classificar, julgar etc. Por isso a existência humana é um inferno! Um inferno racional de inconveniências. Sartre nos coloca diante desta condição infernal, quando encontramos na boca de seus personagens as seguintes afirmações descrevendo o verdadeiro inferno: “É a vida sem interrupção ... Nunca mais hei de dormir... Como poderei me tolerar? ... Quer dizer que a gente tem que viver de olhos abertos? ... De olhos abertos. Para sempre. Será pleno dia nos meus olhos. E na minha cabeça” (SARTRE, 2008, P.65). Eis a primeira condição infernal de nossa existência, viver pela Razão, estar sempre consciente. A superação do homem para Nietzsche é aceitação amorosa deste fato: “amor fati”. Aceitar a nossa principal condição que somos seres limitados pela racionalidade. A segunda é a obrigatoriedade da coexistência, a vida em relação com o outro, uma verdadeira inconveniência.

XII – É preciso ter uma força evolutiva e criadora que ao mesmo tempo destrua tudo que o rodeia! Mas, que encanta, seduz e liberta! E preciso tentar ser livre. Eis a verdadeira maldição e maldito é aquele que oferta a liberdade! E preciso tentar ser um ser autônomo, e adoecer diante das regras e das normas! É preciso se sentir fraco diante da ética e da moral. E preciso ser Hades que se revolta com a harmonia e a ordem imposta por Zeus. E preciso ser da noite, esta que nos convida ao mundo ilusório do luxo, da sedução, da suposta decadência, dos excessos, da *hybris*. E preciso ser a sombra, que apenas observa, sendo um voyeur, um flaneur, que com seu olhar pecaminoso desvia muitos do caminho da retidão! E preciso ser contra a Família, contra o Estado, contra a Igreja, contra a Sociedade, contra a fidelidade, contra as determinações, ser contra quem é contra, ser a favor da indeterminação, do caos, do trágico, das relações promíscuas, do ABSURDO. Assumir o livre arbítrio! Ser um rebelde, insubmisso, um resistente, um homem revoltado! Ser um corruptor de almas! Ser um humanista, um dos últimos, filho de seu tempo, um filósofo e irmão de todos os apátridas de nossa existência. Ser aquele que pratica: “a polidez do desespero, a estética subversiva que quis o riso depois da provocação, a ironia ou o ABSURDO, o jogo e a destruição, a audácia, o sonho, a imaginação, e ainda, a velocidade, a beleza, a irrisão, aqui o insólito, ali o divertido, o sexo e a liberdade” (ONFRAY, 2001. P.65).

XIII – Por isso a Modernidade inaugurada pelas luzes no século XVIII tentou de todas as formas possíveis eliminar o lado obscuro e ABSURDO de nossa condição humana. Mas a Modernidade através da racionalização científica adotou a Ciência e a Técnica, como novas formas simbólicas, que foram geradas neste processo histórico e tentaram e tenta constantemente excluir tudo que é classificado como ABSURDO, contraditório e real, os nomeando como doença, anormalidade, diferença, contingência, por assim dizer, diabólico. E preciso ter em mente e estar alerta à racionalização ou os diversos dispositivos de controle que vão sendo utilizados contra a vida humana. E por isso, o diabólico, o nosso Id, foi durante toda Modernidade o mais execrado. Ele foi à vítima de todo um processo racionalizante que tentou eliminar qualquer forma de paixão ou de encantamento da existência humana. O encantamento, a magia, o prazer momentâneo e fugidio, a exaltação do eterno presente, serão características cada vez mais frequentes na nossa vida cotidiana. É a consciência do fracasso da modernidade e o começo da pós-modernidade, ou seja, da Era do Vazio. Surge uma sabedoria demoníaca. O que ele nos promete? A liberdade condicionada, um valor real, não mais simbólico. É através do livre arbítrio que o homem pode enfim tornar-se o que se é. Esta liberdade promete consumismo, em vez de abstinência, existência vital, em vez de fantasias, de uma autoilusão hipócrita, bondade para quem a merece, vingança, em vez de dar a outra face, ou seja, a justiça retributiva. A liberdade pede que garanta responsabilidade para o responsável equalizando a relação entre o homem a natureza. A representação demoníaca nos liberta do paradoxo

divino que nas palavras de Emil Cioran exemplifica: “Corrente flexível”, escravos que agem “livremente” são incompatibilidades que traem o embaraço do pensador diante da impossibilidade de conciliar a onipotência divina com a liberdade humana”. (CIORAN, 2011, P.65) Por isto a revolução francesa é território por excelência que fez nascer à liberdade moderna, como diz Cioran, se referindo ao pensamento dos contra revolucionários franceses: “O qualificativo de satânico, que atribuía a Revolução Francesa, poderia estendê-lo da mesma forma à totalidade dos acontecimentos: seu ódio a qualquer inovação equivale a um ódio ao movimento enquanto tal”. (CIORAN, 2011, P.66) Cabe lembrar que todo movimento é injusto, como diriam os gregos. Um homem revoltado, não sofre apenas perda do mundo, na verdade ele assume o mundo. Mas, acaba isolado, desprezado, e nesse isolamento é o que caracteriza essencialmente a consciência trágica. A própria relação com o mundo acaba o levando a um abismo, a um ABSURDO. E à proporção que esse abismo se alarga e se aprofunda a razão sem sucesso, tenta moldar e acentuar sua coerência. Essa razão, do Homem revoltado, tenta em vão, mantém o caráter de distanciamento próprio da consciência, mas acaba o levando em direção ao ABSURDO. Neste momento a angústia opera, fragmentando e triturando a razão. Como saída o homem passa a ser um flaneur, um esteta, que se limita a observar o mundo onde as coisas simplesmente acontecem. Neste ponto ele aceita o mundo da forma como ele é e passa a aceitar as coisas bem como elas se apresentam. Mas o homem pode fugir da mera observação e passar acreditar em algo, dar um salto de fé, sacrificando seu intelecto, segundo

Camus. O homem acredita naquilo que ele quer acreditar. Acredita não no que ele vê, mas no que ele sente, dominado por um profundo romantismo. E nesse ponto que o Homem, encontra uma fenda, uma breve abertura, para tentar fugir se exilar da realidade, superando a experiência crítica e negativa do real, com um autoengano, uma forma simbólica. Não há porque se estremecer, quando concluímos que o homem está para o mundo e para os outros como para si mesmo. Mas, o homem se mascara, se camufla, alheio a si e para si, é sempre um covarde, não se adentrando em seu próprio viver, porque se o fizer, não haverá mais brechas, fugas, somente o real. A atitude coerente e mais sábia a ser tomada é optar em conviver harmoniosamente com o ABSURDO. Sendo o próprio ABSURDO, a expressão do nada, do eterno recomeçar, cabendo em si todas as possibilidades de ser. Logo, o Homem é capaz de criar o seu próprio espetáculo, concebendo a vida enquanto obra de arte, singular, única e personalíssima. Esse é o homem, que se reconstrói, se redescreve, e que, conscientemente, ao mesmo tempo se aniquila.

Conclusão

Sentimos que a consciência da mudança, do vir-a-ser, nos mostra que a existência não possui um valor intrínseco. Somente o homem é capaz de dar significado a vida existente. Em toda a Modernidade buscou-se este objeto, o valor intrínseco de nosso existir, mas sempre como sendo algo que está fora do homem, um horizonte a ser alcançado, compreendido e possuído, nos levando ao ABSURDO. Este projeto se mostrou falido, não podendo mais se falar no valor da

existência, mas no valor que a existência tem para o sujeito que está no mundo da vida (**lebenswelt**), ou melhor, através de um movimento processual e paciente de individuação, é que o sujeito se realiza na construção de sua História. Como se individuar, pacientemente, em uma realidade cada vez mais líquida, contingente e fluída? Ou como diria Nietzsche que “Quando o filósofo pensa na pressa geral e na rapidez dos fatos, no desaparecimento de toda a espécie de recolhimento e simplicidade, parece quase discernir os sintomas da completa extirpação, da erradicação total da cultura”. (NIETZSCHE, 2008, p.65).

Referências

- ALMEIDA, J. & VALLS, A. Kierkegaard. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, Editora, 2007.
- BAUDELAIRE, Charles. **Le Peintre de la vie moderne**. In Oeuvres Complètes, Paris, Bibliotheque de la Pleiade, 1961.
- CAMUS, Albert. **Mito de Sísifo**. Bestbolso. 2012.
- CIORAN, E. **Exercícios de admiração**. Rocco. 2011.
- _____. História e Utopia. Rocco. 2011.
- _____. Silogismos da Amargura. Rocco. 2011.
- FERRY, L. **A Sabedoria dos mitos gregos: Aprender a viver II**. Objetiva. 2012.
- FEUERBACH, L. **Preleções sobre a essência da religião**. Papirus. 1989.
- FEUERBACH, L. **Preleções sobre a essência da religião**. Papirus. 1989.
- HARSTHORNE, M. H. **Kierkegaard: o malandro divino**. Ediciones cadeira, Madrid.
- JOLIVET, Régis. **Apresentando Kierkegaard**. Editorial Gredos, Madrid, 1950.
- KIERKEGAARD, S. A. **O matrimônio**. São Paulo: Editorial Psy II, 1994.
- _____. O Diário de um Sedutor: in Os Pensadores, volume XVI, editora Abril Cultural. São Paulo, 1973.

_____. **Esperando em fé.** Universidad Iberoamericana, Cidade do México, 2005.

_____. **Fragmentos filosóficos.** Editorial Trotta, Madrid, 1997.

_____. **Diário Íntimo.** Santiago Rueda Editor, Buenos Aires, 1955.

_____. **Conceito de ansiedade.** Espasa Calpe SA, Cidade do México, 1990.

_____. **Temor e tremor.** Editora Nacional, Madrid, 1975.

NIETZSCHE, F. W. **Primeira Consideração Intempestiva: David Strauss, sectário e escritor.** Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2008.

ONFRAY, M. **A política do Rebelde:** Tratado de resistência e insubmissão. Rocco. 2001.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos:** in Os Pensadores, volume XVI, editora Abril Cultural. São Paulo, 1973.

RORTY, R. **Contingência, Ironia e Solidariedade.** Martins Fontes, São Paulo, 2007.

SARTRE, J.P. **Entre quatro paredes.** Civilização Brasileira. 2008.

SHELLEY, M. **Frankenstein.** Oxford. 1998.

SHESTOV, Leon. **Kierkegaard e a filosofia existencial.** Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1947.

STEINER, G. **Paixão intacta.** Siruela Ediciones, Madrid, 1997.

VALLS, A. **Entre Sócrates e Cristo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VON BALTHASAR, H. U. **Cristão e angústia.** Ediciones Guadarrama, Madrid, 1959.

WITTGENSTEIN. **Tratado Lógico-filosófico.** Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

Recebido em 2014-03-27

Publicado em 2014-04-13